tido da vida lá fora. Se, porém, avançarmos um pouco no livro, a noite voltará a aparecer-nos com uma conotação negativa, desta vez como sinónimo de "solidão exasperada", a ultrapassar, para se conhecer a alegria, a "luz/Da madrugada". Mas o "mistério nocturno" que envolve o poeta, pode igualmente ser abalado pelo "grito" de "revolta" em que se transformou a voz "balbuciante e frágil", "submissa e chorosa" da criança que lhe "pediu o (seu) pão". O "grito" que lhe faz *estremecer* a solidão nocturna é, numa lenta metamorfose, a "Voz de todos os escorraçados e proscritos/Que existem sem viver,/ Espoliados até da luz do sol,/De rastos, pela treva, à espera que amanheça...". A identificação entre o sujeito, também ele, como já vimos, sentindo-se *proscrito*, *escorraçado*, e esses "espoliados" é total. Se o amanhecer no poema imediatamente anterior significa, para o sujeito, num plano meramente individual, o desejo de que chegue ao fim a "solidão exasperada" da sua "noite" aqui a "vida verdadeira" que se quer tem claramente uma dimensão colectiva, diz respeito a todos os "proscritos". Mais, neste texto, "Do Fundo da Noite Oiço uma Voz", o sujeito lírico vence a barreira do solipsismo, vai "além da (sua) amargura (e) do (seu) drama", projecta-se nos *outros*. Tem consciência do "que existe além de (si)", além das suas "inquietações" interiores. Esta dimensão social, a demonstrar que o canto amargurado e intimista do A. de *Dádiva* não se processa no alheamento das propostas neo-realista, afasta, de forma bem nítida, a poesia de L. Amaro do indiferentismo subjacente, por exemplo, ao seguinte poema de A. M. Couto Viana, em *O Avestruz Lírico*: "Podem pedir-me, em vão,/Poemas sociais,/Amor de irmão p'ra irmão/ E outras coisas mais: // Falo de mim — só falo/Daquilo que conheço./O resto...calo/E esqueço.". Em Luís Amaro, pelo contrário, não é sem remorso que o sujeito fecha os "olhos" à "vida"; toda a sua aspiração, afinal, é precisamente superar o "constrangimento de existir", a contracção egotista, para, em expansão fraterna, estender "Os braços para os homens, (seus) irmãos". A noite é também a *Mãe* em cujo

JUAN GIL-ALBERT

Afirmar que Juan Gil-Albert (nascido em Alcoy, Alicante, em 1906, mas cedo fixado em Valência, onde hoje vive) não está incluído em nenhuma das antologias que se propõem apresentar a poesia espanhola contemporânea, mas apenas em duas antologias da chamada "geração de 1936", a que está ligado mais pelas datas em que nasceu e publicou os primeiros livros de poesia do que pelo espírito dominante nos poetas que mais contribuiram para dar o tom comum dessa geração (os que constituiram o bloco definidor da revista "Escorial": Luis Felipe Vivanco, Leopoldo Panero, Luis Rosales, Dionisio Ridruejo), a que, em mais que um aspecto, se opõe, — vem apropósito, não para agora, tardia e inutilmente (quando é considerado um dos maiores poetas espanhóis do nosso tempo) protestar, mas para sublinhar o que escreveu sobre o esquecimento a que, nas décadas decorridas desde a publicação dos seus primeiros livros até meados dos anos 60, foi sistematicamente votado: *Alguém me perguntou se havia em mim um resquício de ódio e de desgosto por estas, disse ele, quase quatro décadas de anonimato, e respondi-lhe com surpresa de mim mesmo, que careço do órgão produtivo dessas duas segregações vitais e que eu próprio reconheço como uma deficiência talvez grave, a da falta*

"regaço" o sujeito *pousa* a "fronte húmida", para descansar das feridas que o "mundo" fez na sua "alma confiante". Ou é a noite/esquecimento, cruzada pelo voo da "ave cega/Do sono". Permanentemente, no *diário íntimo* que é a poesia de L. A., a noite, como, de resto, tudo o que se encontra *fora* do sujeito, é interiorizada: no "mais obscuro do (seu) coração (...) fecha-se a noite". O desejo de romper a maldição, de sair da escuridão do "sonho triste" que o "devora", no entanto, não morre. E essa vontade de "Começar a viver", de não fechar os ouvidos às vozes que chegam até ele, sejam as dos espoliados ou as "vozes inocentes(...) das crianças", lhe justifica a continuação do canto, numa luta contínua entre o "desespero" que lhe "finca" as "garras" "dentro da (...) alma" e a esperança que teimosamente resiste. Essas vozes que transpõem o recolhimento do sujeito, podem ser um apelo a que se mantenha ligado à vida — a *vibração* e a *inundação* de uma "infantil canção/Irmã do sol, da água" num "coração magoado,/Escurecido, triste". Mas, outras vezes, trazem, nas suas trágicas modulações, a maldição que, desde o início, parece marcar os poetas como seres "proscritos" e atormentados por "cruel doença d'alma" e cujo único "crime" talvez seja o de terem "nascido". É esse mal-estar inextirpável (de tonalidades obviamente neo-românticas) que impede o sujeito de comungar da alegria dos outros, da "festa" dos outros. A "voz secreta" que o não deixa conhecer o "sol" *esplendente* da comunicação, é o "preço" que tem de pagar pela sua singularidade, pelo seu "Coração de poeta". Essa singularidade, porém, sem a abertura aos "outros", sem uma resposta clara ao "apelo/ Fraterno e áspero" que lhe vem do "mundo", consome-se num vazio circular. É *retracção* a transmudar em *expansão*, no reconhecimento de que "a vida é dádiva (...) Esperança". ●

Fernando J. B. Martinho

1) **Dádiva**, Lisboa, 1949.

2) Editorial Caminho, Lisboa, 1977, pp 68-70.

3) cf. Gastão Cruz, "Luís Amaro" in **Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e da Teoria Literária**, fascículo 5, Iniciativas Editoriais, Lisboa, S/d.

4) Iniciativas Editoriais, Lisboa, 1975.

5) cf. Wolfgang Kaiser, **Análise e Interpretação da Obra Literária**, Arménio Amado, Editor, Sucessor, Coimbra, 6ª ed., 1976, pp. 202. 203.

de fel. Porque estas palavras dão a medida da certeza que traz em si o homem que, mais do que em ouvir aplausos ou palavras de compreensão para o que ia publicando, se preocupou em escutar a sua terra e o homem que a habita, a começar por si próprio.

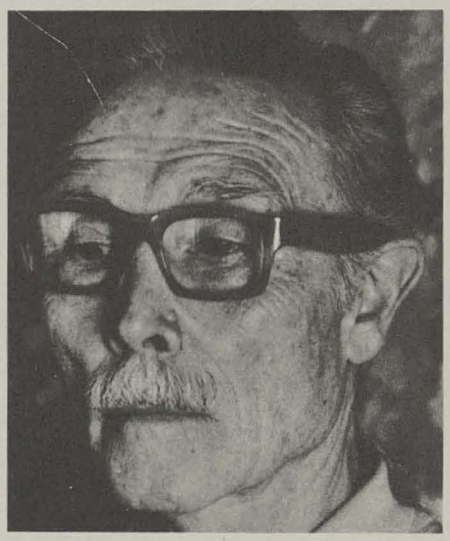
Se buscarmos uma ligação de Gil-Albert com a geração de 1936, encontrá-la-emos sobretudo no que poderemos considerar a fase inicial da sua poesia, constituída pelos três primeiros livros de poemas. Nove anos após a estreia em prosa, Gil-Albert publica, em 1936, *Misteriosa presencia*, sonetos que coincidem no ano de publicação com os *Sonetos amorosos* de Germán Bleiberg e com o livro em que Miguel Hernández se afirma como um grande poeta, *El rayo que no cesa* (formado quase totalmente por sonetos); estes livros, juntamente com *Abril*, de Luis Rosales, editado em 1935, contribuem para o movimento classicizante que então se inicia na poesia espanhola. (Luis Cernuda aponta nesse livro de Gil-Albert *um sabor de Góngora e Mallarmé.*) Ainda em 1936, é editado *Candente horror*; o poeta, ao contrapô-lo a *Misteriosa presencia*, afirma serem ambos *como a inocente manifestação do que poderíamos chamar um destino contraditório. O "ego" e o "populus", o intimismo e o social*. Publicado no ano em que deflagra a Guerra Civil, *Candente horror* compromete-se com o momento que se vive em Espanha. Que essa opção não era só poética demonstra-o a posição que Gil-Albert assumiu ao ser um dos fundadores e directores da revista *Hora de España*, voz da Espanha republicana. Em 1938, publicou *Son nombres ignorados*, livro em que, em plena guerra, é nítido o seu compromisso de poeta *cívico (ou moralista)* — para usar palavras de Francisco Brines, e não de poeta social.

Com a derrota bélica dos republicanos, Gil-Albert partiu em 1939 para o exílio, que decorreu principalmente no México e na Argentina. Em 1944, saiu um dos seus livros fundamentais, *Las ilusiones con los poemas de El convaleciente*, em que a sua voz atinge completa maturidade e individualização: o cântico da natureza como fonte da vida na sua plenitude, a exaltação do mundo helénico com a consciência de ser esse o seu mundo, simultâneamente perdido e encontrado na memória e no esplendor circundante.

O escritor que regressa à pátria em 1947 tem já uma obra, mas a sua presença será silenciada: tendo estado do lado republicano, era um poeta *maldito* para os que abriam caminho ajudados por uma estratégia política que reconhecia que uma protecção oficial às letras era vantajosa para criar uma imagem favorável do regime vigente; tão pouco se alistou no campo contrário, para colher o acolhimento concedido aos que aí militavam. Na *Bibliografia comentada* que César Simón inseriu no número que a revista *Calle del Aire* dedicou recentemente a Gil-Albert, não há nenhuma referência ao poeta em livros ou publicações periódicas desde o seu regresso em 1947 até 1963, excepto *somente umas linhas* numa revista ao tratar-se do *ano literário*, em 1955, apesar de nesse período ter publicado diversos livros. É de 1966 o artigo que César Simón considera a *recuperação* do poeta; mas, posteriormente, na década de 60, ainda é escassa a atenção que lhe é prestada. Leopoldo Azancot afirmou que *na história da literatura espanhola 1974 será para sempre o ano de Juan-Gil Albert.* (Nesse ano publica quatro livros — ficção, poesia, ensaio, memórias — que recebem o acolhimento merecido.)

Exilado na sua terra, infatigável pela força que lhe era dada pelo que *sabia*, Gil-Albert continuou sempre a escrever. Desses tempos obscuros, testemunha ele em 1971: *Reintegrado na minha terra, e mais que nunca, em diálogo silencioso com ela, não com os seus homens, alheios a maior parte deles, inoperantes ainda os jovens que haviam de ser hoje meus amigos, rendi-me à meditação dos tempos.*

Eis os títulos dos livros de poemas não mencionados para uma busca do leitor: *El existir medita su corriente* (1949), *Concerta es amor* (1951), *Carmina Manu trementi ducere* (1961), *Fuentes de la constancia* (uma antologia organizada pelo poeta, (1972), *La meta-física* (1975), *Homenajes e In promptus* (1976) e *A los pre-socraticos seguido de Migajas del pan nuestro* (1976). Espera-se para breve a publicação da sua obra poética em dois volumes.



A obra em prosa de Gil-Albert é extensa e conta alguns livros fundamentais da literatura espanhola do nosso tempo.

É impossível caracterizar a poesia de Gil-Albert numa nota sucinta como esta. A sua filiação mais profunda deve procurar-se no pensamento grego, através da recriação dos mitos helénicos, do canto do mundo mediterrâneo que é também aquele em que o poeta nasceu e quase sempre tem vivido, não só numa natureza esplendorosa mas também com a consciência da sua limitação numa carne mortal. O seu ímpeto oscila entre tensões opostas: a plenitude de cada instante que transmite ao poeta a plenitude de uma vida inteira e a lucidez que não lhe consente a ilusão de uma continuação para além da permanência terrena; a perenidade da natureza através do contínuo fluir dos seus ciclos e a passagem do homem, ora degradado em manobras desonestas e tarefas mesquinhas, ora erguendo-se na contemplação da beleza, na fruição de um ócio que lhe possibilita a reconciliação com o mundo que o cerca e solicita o conhecimento da sua própria verdade e o encontro de um corpo que é cânone de formusura e fonte de amor e que, por o ser, é também, inexoravelmente, sinal de curso do tempo, anunciação da fatalidade e da angústia da morte. ●

José Bento

A UM CARRETEIRO QUE CANTAVA

Onde estarás, oh doce sonolência,
triste destino, oh acha em nobre peito,
aquela voz soando sobre os montes
pelo caminho mais profundo da morte?

Oh voz imemorial. Viril gemido,
que passava nas sombras iniciais
da noite, entre o pó e os jasmins,
como um deus dolorido que frequenta
a terra tépida.
Nenhum instrumento
acompanhava ali as solidões
do cantor misterioso e só o ritmo
daquele rolar que transportava
a voz arcaica num carro de tristezas,
dava corporeidade à invisível
canção crepuscular.
Nada me trouxe
ao que sou eu próprio nestas horas
mais condensada essência, mais fulgores
de destino e de sangue, que esse canto
de um ser desconhecido. Nada pôs
— nem o amor, nem os livros, nem o revolto
tempo do meu viver, — a têmpera na alma
que me deu a voz sonambulesca
do que passava assim por entre as sombras,
tão agarrado à terra todavia,
como quem sabe um enorme segredo,
um segredo terrível que enamora
para sempre, aqui submerso no regaço
de uma maravilhosa dor obscura.

(Las ilusiones)

O VERÃO NO SEU ZENITE OU O VERÃO SOU EU

Quando se vive distante da vida,
onde se está a viver?
Talvez se esteja caído no recôndito
da própria existência.
Em volta o campo,
na memória estende-se, monótono,
como uma roda gira velozmente
sem que o seu vivo centro se desloque
do coração humano.
O orbe inteiro
irradia ao redor e seus aromas
parecem recordar-nos coisas velhas
que não se sabe nunca ao repetir-se
se são de ontem, de hoje, de amanhã
ou de seu fluxo eterno.
O homem sabe
demasiadamente já da vida
para que como nuvem não ensombre
sua própria estela.
O homem deixa
a suave casca que o inquieta
e faz como que dorme estremecido
dentro do seu covil:
sua vida é tudo;
sua vida é tudo e nada: vida sua,
e é o bastante já para sentir-se
esse todo, esse nada, aqui vivendo
no meio da roda movediça
que faz girar o mundo:
o homem cala-se.
Já não são as palavras docemente
o que quer dizer e seus suspiros,
nem o rumor desta brisa matutina
que lhe recorda tanto o outro tempo
de sua felicidade e suas mágoas;
já não é ele quem dirige, já não quer
nem sabe possuir:
são os enigmas
falando sós por si, suas presenças
reguladoras, sonho, acaso um sonho
tão poderoso, aberto, estremecido
que é preciso em suas raízes afundar
nossa razão de ser e contentar-nos
com meditar ao gozar estas paisagens
pelas quais se expande o nosso hálito
sob o pinhal:
o ar, a fragrância,
—que são senão vestígios de mim mesmo
ainda antes de mim desapareçam
figura e sombra?

Olho as montanhas
e desce de suas vertentes o perfume
de seus sedosos véus.
Olho as alturas
e só vejo o sol omnipotente
a estender-me suas mãos luminosas
como qualquer enamorado.
A vida ou nada.
A vida apenas ou qualquer destino.
Quando o pinhal, trémulo, floresce
e dos nós que brotam do seu corpo
cantam as novas crias do verão
com fome fresca:
a fome e apenas vida.
Este piar, meu peito, o movimento
de tudo o que está cansado e vive.
Não está tudo animado de uma fome
magestosa e terna?
Uma fome vigia
para que a vida continue, sendo canto,
para que a vida continue, sendo vida.
Uma fome ou este eu que aqui, no centro
da bondade, irradia os clamores
que fazem da manhã um sortilégio
suavemente deitado:
baixo os olhos
e pousa-se o coração como uma ave
nos laboriosos campos delicados
da cor do mel,
olho mais fundamente
e quase já não vejo outra carícia
que não seja beleza.
É o silêncio
o que me impregna inteiro esta distância,
o que me dá a altura inconveniente
de onde as coisas se incorporam
à sua divindade.
Mas este curso
que em meu dorso palpita irresistível
sabe que o mundo é mais, que vida é vida,
que o que o sangue pelas veias leva
é uma bravia torrente que não logra
deter-se alegre:
mana e mana
com imprevisto curso lamentoso
sua força cega:
geme e goza e canta
porque a vida é isso, trino ardente,
porque a vida é isso, força cega,
força que lavra o mundo primoroso
e o homem reclinado que dormita
no pinhal derradeiro.

(La meta-física)

RASHID: O COLAR DESFEITO

CONTA UM

A "Única Grande Ode", de Muhammad Rashid, recordou-me Usbek, o estrangeiro em Paris das "Lettres Persanes". Antes de conhecer este poeta que nasceu com nome (e nisso se distingue de António Barahona da Fonseca, poeta anónimo) eu fizera a mesma pergunta cretina daquele parisiense que se julga o expoente máximo das civilizações universais: "ah, ah, Monsieur est Persan? C'est une chose bien extraordinaire! Comment peut-on être Persan?"

Como se pode ser M. Rashid em Lisboa, urbe civilizadamente ocidental, nos anos da expansão espacial? Acreditei, e disso não sei se me penitencie agora, que tão peregrina circunstância pudesse ser uma extravagância intelectual à maneira de Pessoa, deriva *personal* com mais interesse charadístico do que poético, no sentido em que a poesia se identifica com o ser e não com o nome. A menos que se trate do Nome, nome do Ser Supremo, evidentemente. Mas acontece que Rashid existe, ou existiu, não como charada teatral, mas como vi(d)a iniciática para alcançar o ser. Projecto ambicioso de que o "Ritual de Passagem", primeiro volume da incompleta trilogia "Aos Pés do Mestre", nos dá a confirmação.